



Eduardo Macieira Coelho

D. Thomaz de Mello Breyner Médico, Aristocrata e Homem de Humor

Quando era estudante de medicina, meu tio-avô gostava de nos contar, a mim e aos meus dois irmãos, episódios do seu tempo de estudante em Coimbra, anedotas e histórias pitorescas com Lentes da Universidade. Recordava igualmente professores da Faculdade de Medicina de Lisboa para onde veio reger Neurologia em 1911. Falava só dos desaparecidos, porque dos contemporâneos vivos, a eles não se referia. Citava com frequência D. Thomaz de Mello Breyner, o primeiro professor de Dermatologia e Venereologia, a propósito de ditos espirituosos e comentários cheios de graça a acontecimentos passados, ou situações imprevistas sucedidas em serões em casa do meu tio, hoje o palacete da Nunciatura ou, no foyer de S. Carlos, no intervalo das Óperas.

Muitos anos mais tarde eu viria a ser genro de umas das filhas de D. Thomaz, Conde de Mafra, D. Maria da Conceição Mello Breyner Cabral, para todos a tia Tatão, uma Grande Senhora por quem conservo uma saudosa ternura. Minha sogra era encantadora e de grande afabilidade. Tinha o condão de ter um sorriso carinhoso para todos a quem se dirigia. Sorria com a boca e com

os olhos e, era igualmente espirituosa, cultivando o humor como seu pai. Minha sogra proporcionou-me a leitura do «Diário» do professor D. Thomaz (1), que teve uma edição recente.

Surpreendeu-me observar um longo período do «Diário» propositadamente ilegível, porque o texto estava apagado por uma tinta azul espessa que impossibilitava a leitura. Perguntei a minha sogra o que provocara a deliberada inutilização do texto. Minha sogra disse-me então que sua mãe, a Condessa de Mafra, depois da morte de D. Thomaz, entendeu que o que estava escrito poderia ser mal aproveitado por eventuais historiadores que não relatam a História mas que refazem a História. Mello Breyner fora médico do Paço e amigo do Rei D. Carlos. Nesse texto havia referências a situações que condicionaram o

rumo de certos acontecimentos.

A certa altura, já depois de implantada a República, fiquei surpreendido ao ler o nome de meu avô, o Doutor António Macieira que, ministro da Justiça do Governo de Afonso Costa, decretara a separação da Igreja do Estado. O professor D. Thomaz nesse dia escrevia: «Como é possível que um jovem e brilhante advogado como António Macieira tivesse tomado tal decisão». Conte isto a minha sogra que, pela primeira vez, quasi indignada me respondeu: «O que meu pai deveria ter escrito era – infeliz decisão». Mas o episódio passou e foi esquecido. Minha sogra era adorravelmente tolerante; sempre me desculpou pequenas irreverências iconoclasticas, resquícios de uma juventude rebelde às convenções. Foi uma grande Ami-

ga, que poucos minutos antes de falecer disse à Luísa, a filha, que tinha pena de eu não estar presente para me fazer rezar, com ambas, a sua última Avé Maria.

O professor D. Thomaz escreveu um livro *Memórias* (2), mas só teve tempo de relatar as suas recordações até finais do século XIX.

Mello Breyner escrevia bem, num estilo que dá prazer ler. Foi grande

amigo de Fialho de Almeida na juventude, mais tarde conviveu com António Feliciano de Castilho, Bulhão Pato e Guerra Junqueiro que fora seu doente. Era cunhado do dramaturgo D. João da Câmara. Mas quem mais o influenciou foi o homem de letras Conde de Sabugosa, seu «admirável parente», como o recorda. Levava-o para a sua biblioteca e entusiasmava-o pela leitura de História, de Memórias e, dos clássicos portugueses. Conta que Sabugosa lhe recomendava «que escrevesse sempre, todos os dias», dessa forma apareceria o motivo de um livro e, acrescentava, «não te preocupes com o estilo».

O livro *Memórias* tem interesse porque descreve o quotidiano e costumes da Nobreza e das Pessoas Reais, nos reinados de D. Luiz e de D. Carlos. É curioso que no reinado de D. Luiz havia uma preocupação



com a vida luxuosa, ao passo que no reinado de D. Carlos não se dava tanta importância à pompa.

A primeira página do livro *Memórias* é reveladora do humor de Mello Breyner. É um atestado reconhecido por notário e que diz o seguinte: «Eu, abaixo assinado, Joaquim Ramos também conhecido pelo Raminhos, de 71 anos, natural de Estremoz, morador em Lisboa no Bairro Estrela d'Ouro à Graça, declaro que na madrugada de 2 de Setembro de 1866, sendo eu soldado do batalhão de Caçadores aquartelado no Castelo de S. Jorge desta Cidade, mas impedido ao serviço do meu comandante D. Francisco de Mello Breyner, Conde de Mafra, fui acordado pela criada Bárbara d'Alegria Gorgulho que me disse: Senhor Joaquim levante-se depressa e faça uma chicara de chá muito fraquinho para o menino que nasceu agora mesmo. Este menino é actualmente o Dr. Thomaz de Mello Breyner, médico de S. M. El-Rei, dos Hospitais Civis de Lisboa e meu prezado amigo».

O professor D. Thomaz, em 1910, tinha 44 anos, encontrou por acaso o Raminhos na R. Augusta. Não se viam há longos anos. Sentaram-se para tomar um café e conversarem do tempo passado. O antigo criado, no decorrer da conversa, conta-lhe este episódio que Mello Breyner desconhecía. Pediu-lhe então que o passasse a escrito para ele publicar nas suas *Memórias* na primeira página com a seguinte legenda: «Com vistas a quem não acreditar que o autor das *Memórias* bebeu chá em pequeno».

Quando se refere à Nobreza diz que uns como seu pai, Conde de Mafra, eram «fidalgos de quatro costados», mas que no entanto havia outro tipo de fidalgos: «Os desembaraçados e pimpões. Estes preferiam a vida ao ar livre correndo lebres, montando javardos, apartando toiros, chalaceando com a criadagem. Alguns também se distraíam em casa, ou antes, dentro de casas, que enchiam de bastardos. Assim passavam aqueles senhores as horas vagas, que eram quasi todas». Uma grande amiga da Condessa de Mafra, sua mãe, a Condessa da Foz, dava na quinta de Dafundo, duas vezes por semana serões onde costumava aparecer um político, «poeta notável e todo casquilho no trajar. Chamava-se ele João Baptista d'Almeida Garrett. Quando o senhor

Garrett (assim lhe chamavam todos) se mostrava à porta da sala ou de tarde assomava solene à rampa da quinta, tudo eram palmas e aclamações do madamismo. A criadagem não gostava do senhor Garrett porque ele não levava a mão ao chapéu, nem sequer olhava para os humildes que o cumprimentavam. Ao inverso das Pessoas Reais e da fidalguia nada pedia por favor, nem agradecia a quem o servia. Dizia a criadagem que o poeta não gostava de se descobrir com medo de desmanchar o chinó e, remata: «Seria o autor do Frei Luís de Sousa um distraído?...».

D. Thomaz preferia o termo casquilho a janota para identificar os homens preocupados em bem vestir, e explica: «Junot não foi só um cabo de guerra audaz, foi também um elegante. Quando chegou a Lisboa, onde o receberam com exagerada e quasi vergonhosa cordialidade, tratou logo de se fazer amar pelas damas e admirar pelos casquilhos banais que trataram de o imitar no traje, nos gostos e até nas falas. Daí a alcunha jinotas e mais tarde de janotas».

Em rodapé refere que também fora político, dois anos apenas: «Em 1906 e 1907 eu tive a desgraça de ser deputado – e digo desgraça por não ter achado graça...»

Mello Breyner foi companheiro dos folguedos de infância do Rei D. Carlos e do Infante D. Afonso. Mais tarde, teve pelo Rei D. Manuel uma ternura igual à que tinha por seus filhos. Quando se formou em medicina foi nomeado médico do Paço. Entretanto, médico do Hospital de S. José, foi discípulo preferencial de dois mestres de medicina da época, Sousa Martins e Serrano, este, autor de um *Tratado de Anatomia*. Em 1897 foi convidado para director da Consulta Externa de Moléstias Sifilíticas e Venéreas no Hospital do Desterro, o que de início evitou aceitar.

Cem anos mais tarde, em 1997 a Sociedade Portuguesa de Dermatologia e Venereologia comemora a efeméride com digna homenagem ao professor D. Thomaz (3). Os doutores A. Pinto Soares, Aureliano da Fonseca, J. C. Fernando Rodrigues proferiram importantes alocuções em que descreveram a penosa tarefa de Mello Breyner em dinamizar a Consulta e, mais tarde, a transformar em Serviço de Dermatologia e Venereologia. Por fim, em 1921, após Concurso, é nomeado professor de Sifilografia da Faculdade



HISTÓRIAS da HISTÓRIA

de Medicina de Lisboa. Nestes discursos relata-se que foi o primeiro a usar o *Salvarsan* logo a seguir ao seu aparecimento. O Serviço que lhe destinaram estava em condições deploráveis. Mello Breyner não esmoreceu e começou do zero. J. C. Fernandes Rodrigues relata: «Eram precisas obras? Recorre-se ao amigo Ennes Trigo (que era vereador da C.M.L.) e este fê-las. Era preciso material de laboratório e pede-se ao Rei D. Carlos que oferece um microscópio e aos Laboratórios *Pasteur* que fornecem as estufas, os tubos de ensaio e as retortas. É preciso banheiras? Pede-se à Senhora D. Aurora de Macedo e ela dá-as e, por arrasto, lá vêm umas salamandras para o aquecimento. Roupas não existem? Para isso temos o amigo Luís Grandella que ao seu compadre Mello Breyner dá carta branca para se abastecer do que quiser nos seus armazéns. Não há medicamentos? Seguem cartas para a imprensa a pedir dinheiro para os comprar». O Serviço transforma-se de tal forma em escassos meses que, quando foi visitado pelos mais ilustres dermatologistas e venerologistas de então, que estavam em Lisboa para assistir ao XV Congresso Internacional de Medicina, ficaram surpreendidos e impressionados com o que viram. E, assim, Neisser (famoso bacteriologista alemão) propôs logo a criação de um Instituto Internacional para o estudo da Sífilis, com sede em Portugal sob a direcção de Mello Breyner e que ele não se importava de financiar em parte. A habitual inércia do sistema administrativo português impediu que o projecto se realizasse!

O seu *Exlibris* tinha como legenda: «Love All, Trust Few, Do Wrong to None». Dizia aos seus colaboradores que «o ideal de uma assistência inteligente e moderna é fazer com que os pobres, quando doentes, se pareçam o mais possível com os ricos». E aos seus discípulos recordava: «Aprendi com alguns estudantes que apareciam nas horas vagas para aprenderem comigo e eu aprender com eles, observando juntos, errando hoje, acertando amanhã, mas observando sempre».

A actividade febril profissional e o meio hospitalar onde a desempenhava não lhe tiraram o humor espontâneo e a graça, a contrapor às «desgraças» do

quotidiano do clínico hospitalar. O dermatologista doutor J.C. Fernandes Rodrigues (4) respigou notas nas descrições de situações clínicas da Consulta de Moléstias Syphiliticas e Venéreas do Hospital do Desterro, onde se revela um humor espirituoso e brejeiro.

Exemplos: Um doente de 24 anos, um mês depois do último coito aparece com uma lesão sífilítica no pénis a que o doente chama «a fábrica da serventia» e, Mello Breyner comenta – «é a primeira vez que oiço chamar assim à p...»; a respeito de um doente de 18 anos com uma lesão sífilítica do recto, acrescenta – «em Maio, ataque ao traseiro no Limoeiro»; um homem de 36 anos aparece com sífilis primária dois centímetros abaixo da comissura labial esquerda e, anota – «este homem tocava clarinete na banda dos bombeiros, agora toca outro instrumento muito provavelmente infectado»; do relato de uma rapariga de 17 anos com lesão sífilítica da boca (palato e destruição da úvula) escreve – hymen intacto a ce que l' on dit, terá sido uma infecção doméstica extra genital? Não há notícias seguras; de uma jovem que aparece com uma lesão sífilítica da boca (palato), remata – diz ser virgem

o que não admira porque é horrorosamente feia; de outra, com lesão de lábio inferior, acrescenta – diz ser virgem e só de vez em quando dá um beijo ao namorado; uma outra jovem de 25 anos a quem faz o diagnóstico de sífilis e, que catorze anos mais tarde, depois de curada, regressa de novo com sífilis, escreve – boa filha à casa torna, continua com uma fidelidade à casa que muito me entenece.

Em comentário a um livro francês sobre a terapêutica clínica da sífilis em que é citado um professor da Faculdade de Medicina de Paris que no século XVII duvidava do efeito terapêutico das águas termais dizendo *elles font plus de cocus que de guérisons*, Mello Breyner anota na margem da página – «com efeito era e, ainda é, nas estações termais que o mulherio se diverte à vontade.»

O meu querido amigo arquitecto Luís Alçada Baptista contou-me um episódio presenciado por seu pai o doutor Luís Baptista, médico na Covilhã. Quando o doutor Luís Baptista se formou em medicina na Universidade de Coimbra decidiu vir a Lisboa aprender



Sifilografia com o professor D. Thomaz no Hospital do Desterro. É sabido que a Sífilis e a Tuberculose eram as doenças com maior morbidade e mortalidade na época. Mello Breyner simpatizou com o jovem médico recém chegado de Coimbra, homem culto, de boas famílias e interessado em aprender. Propôs-lhe que assistisse às suas consultas no Consultório, onde também fazia medicina geral e a clientela tinha, obviamente, outro status social. Um dia entra no gabinete um casal, marido e mulher, o marido era o doente. Mello Breyner cumprimenta-os, pediu que se sentassem, escreveu os dados pessoais de rotina e, por fim, perguntou qual as suas queixas. Curiosamente foi a mulher que, sacando de um papel, lê uma longa lista cuidadosamente preparada.

Mello Breyner interrompe aqui e acolá, dirigindo-se ao doente pedindo-lhe que caracterizasse com maior precisão o tipo, a intensidade, a relação dos sintomas. Facilmente se apercebeu que o homem sofria de abundância de comida, álcool, tabaco e de vida ociosa. Pediu-lhe que se despir para o observar e fê-lo seguindo as normas. Observou, percutiu e auscultou o tórax, palpou e percutiu o abdómen e não se esqueceu do martelo dos reflexos. O doente parecia satisfeito com o interesse do médico. Mandou-o vestir-se. Com o doente sentado de novo em frente do professor D. Thomaz este começou por lhe dizer que embora não precisasse propriamente de uma dieta, devia ignorar certo tipo de alimentos, que enumerou. Depois acrescentou que devia deixar de beber conhaque, embora pudesse beber vinho de mesa, com moderação. Por fim, que apenas fumasse dois charutos, mas só até metade. O doente e a mulher mostravam um semblante aterrado. A senhora pergunta: «Mas, senhor professor, meu marido não vai tomar nenhum medicamento?» Mello Breyner rematou que evidentemente lhe ia prescrever uma medicação e rabiscou na receita dois medicamentos que, pelo menos, mal não faziam. O doente e a mulher levantam-se, despedem-se com aspecto confuso.

Quando chegaram à porta do gabinete a senhora voltou-se e perguntou: «Mas, senhor professor, o meu marido ainda pode tocar piano?» O professor D. Thomaz ficou atônito por segundos e, replica logo a seguir: «Pode sim, senhora, mas só se for de cauda». O jovem doutor Luís Baptista, depois do doente e da mulher fecharem a porta, pergunta embaraçado a Mello Breyner: desculpe-me a pergunta, senhor professor, mas porquê apenas piano de cauda? Mello Breyner responde: «Oiça meu amigo, nós os médicos temos sempre que ter a última palavra».

Para os doentes, os médicos ou são deuses ou demónios, ou são sábios ou ignorantes primários. Preferem-nos afáveis, reservados, circunspectos. Alguns, admitem-lhes o riso aberto e sonante, o humor, a alegria; permitem que a graça possa encobrir as «desgraças» do quotidiano profissional.

O professor D. Thomaz de Mello Breyner, Conde de Mafra, «fidalgo de quatro costados» demonstrou que graça e humor, mesmo brejeiro, não são desprestígio para os médicos.

Bibliografia

D. Thomaz de Mello Breyner

1. Breyner T M. Diário. Exemplar pessoal cedido pela Senhora D. Maria da Conceição Mello Breyner Cabral

2. Breyner T M. Memórias do Professor Thomaz de Mello Breyner, 4º Conde de Mafra, 1869 – 1880. Parceria António Maria Pereira. Lisboa, 1934

3. Soares AP, Fonseca A, Rodrigues JCF. Centenário do Serviço de Dermatologia do Hospital do Desterro (1897 – 1997), 100 Anos da Dermatologia Portuguesa. Passado, Presente, Futuro. Trab Soc. Port. Dermatol Venereol 1997; 55 (3): 193 – 216

4. Rodrigues JCF, História da Medicina. Thomaz de Mello Breyner (Uma outra Perspectiva). Bol Clin HCL 1988; 45 (1-2): 63 – 69.

